

editorial

A internacionalização científica necessária e desejável

> António Fidalgo



Por definição a ciência é universal. Não há uma ciência portuguesa, nem brasileira, nem espanhola, nem tão pouco americana ou inglesa. Há sim comunidades científicas, com maior ou menor vitalidade, coesão e internacionalização. O facto de a língua inglesa ser actualmente a língua dominante na ciência é um facto circunstancial e acessório e não um princípio perene e imutável.

Noutras épocas, não muito longínquas, as línguas dominantes das ciências foram outras, bastando lembrar que no Século XVII Descartes, Espinoza, Newton e Leibniz escreveram em latim, de modo a serem lidos e entendidos noutros países, que até à II Guerra Mundial o francês e o alemão foram tão ou mais importantes que o inglês como línguas de comunicação na ciência. O predomínio indiscutível que hoje o inglês mantém nas ciências não é uniforme, mas variável de ciência para ciência, e verifica-se sobretudo nas ciências exactas. Nas ciências sociais, e mais ainda nas humanidades, já é muito discutível esse domínio. Os contributos originais da Europa Continental são fundamentais para a filosofia, a sociologia, a antropologia, a linguística, a semiótica, e também para as ciências da comunicação. Nomes como Habermas, Karl-Otto Apel, Niklas Luhmann, Foucault, Deleuze, Baudrillard, Barthes, Greimas, entre muitos outros, são cabal exemplo disso.

O conceito físico de massa crítica aplicado à dimensão de uma comunidade científica faz sentido e só se houver uma comunidade científica. E comunidade científica obriga antes de mais a uma proximidade de investigadores, não física apenas, obviamente, mas sobretudo a uma proximidade de formação, de interesses, de problemas, de debates, dos investigadores envolvidos. Ora não há maior proximidade de investigação que a da língua em que é feita. A internacionalização da ciência não pode de modo algum significar, como por vezes parece acontecer em Portugal, um conhecimento vasto do que se faz no mundo anglo-saxónico, num olímpico desconhecimento do que se faz cá dentro, às vezes numa universidade vizinha, ou num departamento mesmo ao lado. A internacionalização individual, desintegrada de uma comunidade real de investigação, conduz apenas a uma atomização de investigadores, e constitui pura e simplesmente a negação do conceito e da realidade de comunidade e de equipa de investigação.

A questão em causa é simples, mas de suma importância. Como muitos outros bens, também a ciência e a cultura se produzem, se transacionam e se consomem. O nosso propósito não pode ser outro que não seja o de produzir ciência. E a melhor maneira de o fazer aqui, por nós, será fazê-lo em português.

Não considero que seja um serviço à ciência a organização de seminários e congressos científicos em Portugal, com mais de 90 por cento de participantes portugueses, e em que a única língua admitida é o inglês. O princípio primeiro da comunicação científica mantém-se: o mais importante não é a língua em que se diz, mas o que se diz.

As comunidades que nos estão mais próximas, pela língua, pela formação, por problemas comuns e até idênticos, são as comunidades científicas lusófona e ibérica. É por aí que tem de começar a nossa internacionalização, e de começar não apenas como ponto de passagem (como se a meta fosse a absorção na comunidade anglo-saxónica), mas de começar porque prioritária para já e sempre.

Impossível não é certamente, mas seria descabido, e mesmo ridículo, fazer ciência da comunicação em inglês em países que comunicam em português e espanhol. A lusofonia compreende hoje mais de 220 milhões de pessoas, nos diferentes continentes. Os falantes de espanhol são cerca de 350 milhões, o que somados constitui o principal grupo linguístico no hemisfério ocidental.

Por fim, o desafio europeu que Portugal vive desde 1986 é antes de mais e sobretudo um desafio ibérico. As relações económicas entre Espanha e Portugal aumentaram de forma impressionante nos últimos anos. A geografia, a história, e as línguas tão próximas, são destino comum que nos aproximam. A inexistência de fronteiras, o euro como moeda comum, são realidades que determinam o viver e conviver. Ora a ciência não foge, não pode e não deve fugir, a esse destino comum. Talvez em nenhum outro campo Portugal e Espanha tenham vivido mais de costas (espaldas) do que na ciência. É a hora de entendermos, e, entendendo, agir consoantemente, que tem de haver uma osmose entre as comunidades científicas espanhola e portuguesa, de formarmos uma comunidade ibérica de ciência. A América Latina, a África Lusófona, esperam e exigem de nós uma comunidade científica alargada.

TeatrUBI em Badajoz e Ourense

"A Ferida no Pescoço" esteve em cena no dia 17, em Badajoz. O espectáculo esteve inserido na XII edição da Mostra de Teatro Universitária da Universidade da Extremadura, organizada pelo departamento cultural daquela instituição. O TeatrUBI subiu ao palco com a sua produção mais polémica de sempre.

"A Ferida no Pescoço é um facto de amor que de repente se transforma num facto de morte", diz Susana Vidal, encenadora da peça. Recorde-se que este é um espectáculo para maiores de 16 anos.

O TeatrUBI rumou de seguida a Ourense onde participou na IX Mostra Internacional de Teatro Universitário - MITEU, também ela organizada pelo departamento cultural desta Universidade, levando na bagagem duas peças, "D. Quixote Revisitado", com encenação de Viriato Morais e que estreou no passado mês de Fevereiro, na Covilhã, e "O Essencial Invisível", com encenação de Ana Rita Carrilho e que estreou no mês passado.

Derrubar barreiras

Simbolizam o que a Galiza tem de melhor no campo artístico. Exponentes contemporâneos, Erramun Landa, pintor, e Bernardo Atxaga, poeta, mostram o resultado do seu trabalho no Museu de Lanifícios da UBI. Intitulada "Frontera Permeable", esta exposição tem para oferecer aquilo que os autores consideram como uma ligação entre seres diferentes. Retratadas através do homem e da mulher, as diferenças entre todas as coisas podem também transformar-se em igualdades. Para além da ligação física entre os corpos, e da ligação cultural entre as gentes, os autores extrapolam a mensagem para parâmetros universais.

Esta mostra de arte que se vê e patente ao público até dia 30 de Abril é bastante solicitada por vários museus do Velho Continente. As palavras de Manuel Funtán del Junco, director do Instituto Cervantes vão para o facto "de estes trabalhos representarem muito da alma do povo galego, de uma forma muito peculiar". A conjugação dos desenhos com a poesia e o texto livre foi uma ideia bem acolhida pelo público. Os dois artistas não marcaram presença na inauguração por "estarem a preparar novos trabalhos", acrescentam os organizadores.

breves

Contributos para o estudo da comunicação

João Carlos Correia apresentou ao público a sua mais recente obra. No mesmo evento, foi também anunciado um livro da sua organização, em conjunto com José Manuel Santos, fruto de jornadas realizadas na UBI.

"Comunicação e Cidadania - Os media e a fragmentação nas sociedades pluralistas", de João Carlos Correia, docente da UBI, é um livro que "pensa o papel dos media nas sociedades complexas de hoje".

O livro resulta dos trabalhos preparatórios da tese de doutoramento de João Carlos Correia, apresentada na UBI em 2001, ao qual "se acresceram bastantes outras questões, resultantes das minhas dúvidas, e discussões com colegas e alunos".

"Comunicação e Cidadania - Os media e a fragmentação nas sociedades pluralistas" é uma edição apoiada pelo Instituto de Comunicação Social, incluída na colecção "Media e Jornalismo", que é produzida pelo Centro de Investigação Media e Jornalismo. A obra vai ser distribuída a nível nacional.

Logo de seguida, foi apresentado o livro "Teorias da Comunicação", com organização de João Carlos Correia e José Manuel Santos, presidente do Departamento de Comunicação e Artes (DCA) da UBI.

O volume da colecção Estudos de Comunicação, da UBI, resulta da reunião de textos que têm origem em comunicações proferidas na UBI, em Março de 2003, numas jornadas organizadas pelo DCA.

Sociologia aberta à comunidade

A convite do Núcleo de Estudantes de Sociologia da Universidade do Porto, Donizete Rodrigues, docente do Departamento de Sociologia, esteve no passado dia 26 de Abril na FNAC, do Norte Shopping de Matosinhos.

A conferência, proferida em conjunto com o antropólogo João de Pina-Cabral, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, teve como objectivo "trazer a discussão da religião para um espaço mais aberto do que o habitual ambiente universitário", conta Rodrigues.

O evento, inserido na iniciativa "Noites de Sociologia", serviu para "fazer uma amostra do percurso de investigação" do docente.

De início, começou por falar das principais características da teoria da secularização, que "apareceu nos primórdios da sociologia da religião", e que destaca a importância da religião na vida quotidiana.

Donizete Rodrigues teceu algumas críticas a esta teoria, apresentando os seus projectos nesta área, nomeadamente o que fez, entre 1994 e 99, sobre a Igreja Universal do Reino de Deus.

Um outro tópico tocado pelo docente da UBI foi o da crescente importância da religião para a prática do desporto. A partir de um estudo desenvolvido nas Universidades de Bristol e Oxford, como professor convidado, mostrou o caso de Ayrton Senna. "O automobilista considerava-se tocado por Deus. Houve uma altura em que disse ter visto Jesus Cristo durante umas das provas do campeonato de Fórmula 1", lembra. Donizete Rodrigues lançou ainda uma nova perspectiva sobre o pentecostalismo, tendo por base o Movimento de Renovação Carismática Católica, no Brasil, um movimento liderado pelo conhecido padre-cantor Marcelo Rossi.

Quaresma Pascal do PASTUBI

A Pastoral Universitária (PASTUBI) em conjunto com os grupos de jovens da Covilhã organizou uma Via Sacra pelas ruas da cidade.

O frio que se fazia sentir no dia 31 de Março, não foi suficiente para inibir as pessoas de ir da Capela de São Martinho até à Igreja da Conceição, num percurso com 15 estações, para lembrar o calvário de Jesus.

"A via sacra é reviver de modo particular, em passos, aquilo que foram vivências de Jesus enquanto pessoa, e que hoje como Igreja actualizamos através da oração e da reflexão", explica o Padre Luciano, capelão da UBI. Entre oração, música e reflexão pessoal, mais de cem pessoas

aproveitaram a ocasião para fortalecerem a sua fé e se prepararem para a Páscoa.

Participaram nesta Via Sacra, o coro da UBI, um grupo universitário que se prepara para o crisma, e outros grupos de jovens da cidade, os grupos dos Jovens de São Martinho, o grupo de São Tiago, o grupo da Igreja da Conceição, e de São Vicente de Paulo.

Ao PASTUBI pertencem jovens da universidade, professores e funcionários. A Pastoral Universitária procura dinamizar grupos de reflexão dentro da universidade independentemente da sua nacionalidade, curso e religião. "Podem ser jovens universitários de todos os cursos, de todos os credos", esclarece o capelão.